

O TARZAN, O LEÃO E...



Como conseguir uma bola de futebol número cinco, em uma disputa com meninos filhos da classe média e brancos, em uma sociedade de classes e racista dos anos 1950?

Na Porto Alegre desses anos, nas manhãs de sábado, havia um programa de rádio – a emissora, Rádio Farroupilha – chamado Clube do Guri¹. Um espetáculo de variedades criado e executado especialmente para meninos e meninas pré-adolescentes e adolescentes.

Eram tempos em que a grande atração para as famílias era a radiofonia. Havia a apresentação de novelas mexicanas onde o imaginário era conduzido na habilidade das vozes dos atores, na criação de ruídos, tilintar de telefones, abrir e fechar portas e janelas, disparos de armas de fogo ou mesmo o estalar de espadas em disputa, tudo pelos chamados contrarregras com suas caixas de ruídos.

Rádios como a Farroupilha, dos Diários Associados, ou a Nacional, no Rio de Janeiro, possuíam grandes orquestras, elencos teatrais e vocalistas nacionalmente famosos.

No Clube do Guri havia uma menina de voz privilegiada, que se tornaria estrela famosa, Elis Regina. De concorrente a prêmios tornou-se secretária do programa.

Nas variedades, o apresentador do programa Ari Rego inventava disputas entre os jovens, que iam além de cotejar quem tinha a melhor voz ou a mais empolgante interpretação, além de disputas bizarras.

Nesse tempo era sucesso nos cinemas filmes do Tarzan, interpretados pelo ator americano Johnny Weissmuller, nascido no Império Austro-húngaro, de pais alemães, que migraram para os Estados Unidos, quando ele tinha apenas seis anos de idade. Em escolas de natação viu despontar sua habilidade para o esporte aquático, o que lhe valeu prêmios como cinco medalhas de ouro olímpicas. Habilidade também presente em cenas aquáticas nos rios africanos, de Hollywood, onde sua velocidade nas águas era explorada ao máximo pelos diretores dos filmes.

O convite que lhe foi feito, e aceitou, para estrelar a aventura prosaica chamada Tarzan, o colocava num cenário, mesmo de Hollywood, da África

¹ A foto é de uma sessão do Clube do Guri. O menino negro não sou eu, mas embora perdido no tempo ele me representa.

colonizada, onde o homem branco era um misto de explorador e tutor civilizador, impondo a ordem cultural do Ocidente

Tênuas ligações conectavam o Johnny com a África que lhe daria fama. Seus pais eram naturais de um dos países que participaram da Partilha da África, criando colônias de sua propriedade. Pois deve ter ouvido dos pais histórias que embelezavam tudo no continente africano, menos o ser africano, que como Rei da Selva, viria a proteger,

O personagem Tarzan, o Rei das Selvas, foi criado pelo escritor estadunidense Edgar Rice Burroughs e colocava o menino que receberia o nome Tarzan – num idioma de África – como filho de um casal de colonos ingleses que, no Continente, foi assassinado e deixou a criança órfã, que somente encontrou sobrevivida nos cuidados de uma família de símios.

Ah! O que cabe na reticência do título desta crônica?

Naquele universo branco, onde desfilavam um após outro, a tentar imitar o famoso grito do Tarzan, que chances eu tinha de voltar para minha turminha com uma reluzente bola de couro, no tamanho daquelas dos jogos profissionais de futebol? Nenhuma!

Mas cheguei na Ilhota, campo do Israelita, e juntei meus amigos para uma partida de futebol com a luzente bola número cinco do Clube do Guri. Como?

Enquanto os guris, um após o outro, se limitavam a imitar o estridente grito do Tarzan, imitei este, o leão e o chipanzé Chita!